

ARTIGO

SESMEIROS NO SÉCULO XXI

Iselda Corrêa Ribeiro¹

RESUMO: Este artigo trata de mostrar, ainda que de forma resumida, como comunidades rurais remanescentes das sesmarias do século passado, no Estado de Mato Grosso, possuidoras de valores próprios tradicionais, são submetidas a um processo de modernização. Esse agrupamento, resistindo, aceitando algumas mudanças e procurando soluções para outras decorrentes da própria tentativa de modernização, mantém-se sem subordinar sua produção ao capital. Essas saídas impõem novas dinâmicas ao agrupamento, fazendo com que o futuro dele seja um caminho sem paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: sesmeiros

Introdução

A partir de 1970, com o crescente processo de modernização da agricultura, a expropriação das famílias camponesas da terra e a sua conseqüente proletarianização, altera-se o enfoque dos estudos sociológicos sobre o espaço agrário no Brasil. Afirmam-se os movimentos dos “*sem terra*” e os conflitos na região sul do país são intensificados. Os estudos sociológicos da maioria dos cientistas sociais centram-se nestes aspectos.

A Sociologia volta-se para estudos mais generalizantes, que têm por objeto a análise das relações capital/trabalho no meio rural brasileiro e a expropriação dos camponeses, as políticas governamentais de incentivos fiscais que buscam a modernização da agricultura e os programas oficiais e particulares de colonização com a sua implicação na sociedade brasileira. Tiveram grande importância os estudos de José de Souza Martins, Otávio Velho, José Vicente Tavares dos Santos entre outros cientistas sociais.

¹ Professora da Universidade Federal do Mato Grosso.

Segundo análise de Martins, “*alguma coisa se perdeu na trajetória sobre os estudos sociológicos da população rural no Brasil. Perdemos a riqueza dos trabalhos comunitários, como os de Maria Isaura de Queiróz e Antônio Cândido, que tinham a preocupação com a natureza total dos processos sociais. A perda desta perspectiva foi comprometedora a partir dos anos setenta. A qualidade não corresponde à quantidade.*”²

Foi na tentativa de dar uma contribuição aos estudos sociológicos comunitários, de entender as especificidades da organização econômica e cultural dos pequenos produtores da unidade familiar, da sua relação com o mercado, que surgiu a idéia de pesquisar uma entre as diversas comunidades remanescentes das sesmarias no Estado de Mato Grosso, que teve como objeto as formas sociais de vida e produção das famílias produtoras de farinha de mandioca da localidade do Morro Grande e Barreirinho, no município de Santo Antonio de Leverger, região da Grande Cuiabá.

“Ser Sesmeiro”

No século XVIII, ainda no regime de sesmarias, foram criados na região de Cuiabá condomínios familiares que reuniam índios e portugueses para a formação de indústrias caseiras de farinha de mandioca.

Estes agrupamentos rurais, cujos produtores se identificam e são identificados pela sociedade inclusiva como “*sesmeiros*”, existem ainda hoje na baixada cuiabana. As famílias se organizam em torno da produção de farinha de mandioca e da pesca. Elas guardam e preservam a memória histórica da mineração, dos engenhos de rapadura, das indústrias caseiras de farinha de mandioca, das usinas de açúcar e aguardente do século passado e de um conjunto de manifestações culturais típicas da região.

Os produtores possuem as fábricas familiares de farinha de mandioca, com um mercado próprio. Em 1980 o governo do estado tentou, através do CEAG – Centro de Apoio e Gerenciamento a Micro e Pequena Empresa, modernizar as técnicas de produção para aumentar a produtividade do trabalho. Procuramos verificar como os produtores reagiram à

² Martins, José de Souza. O Camponato no Brasil, Seminário realizado pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), USP, 1991.

modernização. O que teria permanecido e o que teria mudado na sua organização econômica e social com a chegada dos técnicos à localidade e a sua intromissão na vida grupal? Buscamos compreender de que modo um grupo específico de produtores enfrenta o desafio de resistir aos mecanismos de uma política de modernização econômica e/ou de buscar incorporá-la, modificando-a, ao seu próprio movimento de reprodução social.

Em um primeiro momento podemos perceber que o grupo sesmeiro pode ser inscrito em um universo próprio, com uma existência social que se singulariza nos quadros de uma totalidade em sentido lato. Unem-se o passado e o presente nas relações do homem com a terra, com o parentesco e a família, com a religiosidade e as festas-de-santo. Uma totalidade complexa, como fala DaMatta³, “*que as vezes se revela por inteiro: iluminada e reflexivamente*”.

Este “ser sesmeiro” remete ao passado, ao tempo e ao espaço da tradição; remete à noção de territorialidade, como a que se vê em Mauss⁴ nos seus estudos sobre as sociedades primitivas; remete à idéia totalizante de uma “*naçãozinha*”, o grupo que detém, ainda que ínfima, uma determinada soberania sobre um território, como a dos parceiros estudados por Antonio Cândido; e remete, também, como nos estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz⁵ sobre os bairros rurais, à concepção tradicional de espaço, como definido nas categorias de pensamento dos sitiantes, todo ocupado e delimitado pelas relações de parentela, e com uma idéia de território que não se confunde com a comunidade nacional, aproximando-se da idéia de territorialidade dos estudos de Mauss⁶. O que nos leva a acreditar que o exercício de uma “*soberania*”, ainda que ínfima, sobre um território, pode ser um fator fundamental de construção de identidades e de resistências.

³ DaMatta, Roberto, *Conta de Mentiroso - Sete ensaios de antropologia brasileira*, RJ, ed, Rocco, 1993, p17.

⁴ Mauss, Marcel, *Ensaio de Sociologia*, ed. Perspectiva, SP, 1981, p.106.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

Os Sesmeiros na economia

Transformar a mandioca em farinha de mandioca; ter o domínio, a habilidade, a destreza nas técnicas rústicas; ser dono dos meios de produção; ser dono do seu tempo de trabalho; dispor de uma feira secular, no centro de Cuiabá, para a comercialização da farinha: dispor de terras comuns para os trabalhos. Todas estas questões nos levam a indagar que papel essa totalidade econômica, social, política e cultural dos “*sesmeiros*” desempenha na economia regional.

Possuir um mercado fixo, a feira de mandioca, leva-nos a outros questionamentos: quais os componentes que viabilizam uma estrutura de produção para o mercado interno, que garantem as condições de vida e a sobrevivência econômica cultural e não levam à exclusão? Quais os elementos de sociabilidade, de resistência, conflitos e rupturas, e de integração que definem as relações sociais dos sesmeiros? O que persiste e o que mudou nas relações sociais internas no decorrer da sua história e como eles organizam a sua vida material, cultural e simbólica?

A lógica interna da produção familiar é uma lógica assentada na fórmula da pequena circulação mercantil, que pode reproduzir ou não a produção familiar. Essa lógica - em que a mercadoria se transfigura em dinheiro e em mercadoria novamente, nas mãos do produtor simples de mercadorias - no Brasil não tem permitido uma vida camponesa, como podemos ver, por exemplo, nos estudos de Umbelino de Oliveira (1990) ou de José de Souza Martins (1981). No entanto, os produtores sesmeiros têm garantido a sua reprodução social e econômica. Nesse aspecto, nos perguntamos: como a circulação simples de mercadorias tem garantido a reprodução do grupo?

A organização do trabalho entre os produtores familiares nos leva aos estudos de Chayanov⁷ sobre o campesinato russo. Para o autor, o trabalho da família é a única categoria de rendimento possível para um camponês ou um artesão, porque não existe a categoria social do salário e porque está ausente também o cálculo capitalista de ganho. O problema é determinar quais são os mecanismos de reprodução que estão por trás do trabalho familiar de uma unidade de produção fundamentalmente doméstica. A combinação entre o tamanho da família e os recursos, meios

⁷ Chayanov, Alexander, *La Organización de la Unidad Económica Campesina*, ed. Nueva Visión, Buenos Aires, 1974, p.34.

de produção, terra e ferramentas de trabalho, está mediatizada por uma dimensão subjetiva que também se encontra na disciplina do trabalho capitalista, ou seja, o grau de “*auto-exploração*” da força de trabalho.

Para Chayanov⁸, o trabalho camponês persegue como fim imediato a satisfação de necessidades e a subsistência familiar. A lógica do produtor reside no balanço entre trabalho e consumo e é regida pela satisfação das necessidades culturais da família. Nesse sentido se aproxima da lógica das famílias produtoras sesmeiras, cujo trabalho está regulado pelas suas necessidades.

Embora os sesmeiros sejam produtores de mercadorias, na forma mercantil simples, não se submetem, num mínimo, às leis capitalistas de mercado. Não utilizam financiamentos ou créditos bancários, não se valem de intermediários comerciais, etc. Eles detêm um mercado exclusivo, usando um espaço econômico de que o capital não consegue se apropriar.

O modelo teórico proposto por Chayanov para o estudo da economia camponesa, embora nos forneça preciosas contribuições, mais especificamente quando expõe a forma básica, elementar do consumo, do trabalho familiar e de acumulação limitada de excedentes, não vai explicar a permanência da tradição da vida sesmeira. Nesta, não há um fato econômico que se destaca, como no capitalismo, mas, ao contrário, podemos identificar uma sociabilidade baseada na integração absoluta do grupo, incluindo a propriedade, o poder político, o estatuto econômico e o estatuto doméstico, numa moldagem de íntima associação e fusão.

Territorialidade, isto é, espaço físico ocupado coletivamente por um grupo que tem uma história construída, uma tradição inventada e constantemente reinventada por todos aqueles que nele viveram, quando confrontados, leva à idéia de continuidade e resistência. Tradições que resultam da vida em comum do grupo, que vêm reafirmar a idéia de Mauss quando diz que as experiências coletivas “*registram-se numa tradição, incorporam-se em toda a parte, nos menores comportamentos*”⁹. Tal se dá com o uso de métodos complexos de desintoxicar a mandioca, verificado na América do Sul e na Ásia, ou o emprego de substâncias tornadas intoxicantes, como a cerveja ou o álcool. Mauss diz que se a

⁸ Op. cit., p. 48.

⁹ Op. cit. p. 114.

utilização destes métodos aparece como invenções dos antepassados, também se conhece como “*fundada na história e verificada pela experiência, pelo sucesso do alimento, pelos efeitos sensíveis da técnica*”.¹⁰

Assim, as tradições de um grupo desta natureza levam-nos a configurar suas regras e normas, de um modo particular a possibilitar a idéia de continuidade, de um perpetuar-se no tempo e no espaço, base de uma sociabilidade reproduzida. Esses elementos de permanência, de continuidade, de unidade estreita de um modo de ser, exige e merece da sociologia uma caracterização própria, que não se apoie apenas em suas diferenças (negativas) com relação a outras categorias sociais.

Em um agrupamento rural de produtores familiares, cuja cultura se tenha mantido homogênea por algum tempo, podemos perceber uma quantidade de regras subentendidas, não escritas, pelas quais as pessoas se guiam.

“*Ser sesmeiro*” em uma sociedade “*moderna*”, no despontar do século XXI, pode ser percebido como um ideal, mas também como uma experiência de vida. Família e comunidade emprestam sentido à sua atividade econômica. Esta produz com o objetivo de gerar não só os meios de vida, mas, sobretudo, um modo de vida.

É a produção artesanal de um produto culturalmente definido - a farinha de mandioca - intimamente associada à criação simbólica nela envolvida, que garante a reprodução dos produtores rurais familiares do Morro Grande como tais. A farinha de mandioca tem um mercado fixo e exclusivo: a feira. E a feira é também locus de exercício cotidiano do sentimento de território destacado, mas ao mesmo tempo integrado ao território da Nação. A permanência das representações arcanas e das formas tradicionais de organização para o trabalho é que permite a existência desse grupo enquanto identidade diferenciada e destacada da sociedade envolvente. No momento em que estes elementos começam a desaparecer, o grupo se fragiliza e pode chegar, inclusive, à desagregação completa. O que é responsável por esta última alternativa? Nossa hipótese é a de que as contradições econômicas, sociais, culturais e religiosas evidenciadas neste agrupamento rural de produtores familiares, e as relações com a sociedade envolvente, trazem à tona um dilema: a sua continuidade enquanto grupo social diferenciado (sesmeiro), mas inte-

¹⁰ Op. cit. p. 115.

grado e aceito deste modo pela sociedade inclusiva, mantendo-se garantida sua identidade social, ou, ao contrário, o seu isolamento e retraimento com a sua conseqüente desagregação.

Terra e Trabalho

Vivem na localidade do Morro Grande 68 famílias: 54 descendentes das 45 famílias sesmeiras que obtiveram, em 1892, o título definitivo da propriedade sobre a área de 1.062,3164 ha e 14 famílias que adquiriram terras na área a partir dos anos 70, sendo, por isto, consideradas “*estranhas*” à “*comunidade sesmeira*”.

A existência social do grupo familiar sesmeiro está relacionada a estas famílias, que têm sua origem nas colônias e aldeamentos organizados no século XVIII pelos padres da Igreja Católica.

O espaço físico corresponde ao espaço que, na forma de representação, as famílias de “*sesmeiros*” chamam de “*comunidade*”, isto é, o espaço onde se desenrolam as relações de solidariedade entre as famílias, o trabalho coletivo e o sentimento de localidade. Neste caso, comunidade quer dizer o conjunto de famílias ligadas pela relação de parentesco, que participam de atividades comuns, implicando mais ou menos na produção artesanal da farinha de mandioca e no cultivo do tubérculo, e o conjunto de relações sociais que lhes dá especificidade, vivendo no mesmo bairro rural.

Nestas relações há, por parte do grupo, um “*sentimento de pertencer*” à localidade, como já apontava Antonio Cândido quando se referia aos bairros rurais paulistas.¹¹ Este sentimento de “*pertencer*” se revela na história do grupo, que tem suas raízes nos antepassados, nas relações com a terra, no trabalho familiar, na organização da família e nos objetos materiais que os envolvem e que possuem um significado e lhes dão uma identidade, que os diferenciam de outros grupos rurais e da própria sociedade inclusiva.¹²

¹¹ op. cit., p185.

¹² Neste trabalho concordamos com Maurice Halbwachs quando defende a idéia de que “todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é sómente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida em sociedade, ao menos naquilo que ele tem de mais estável”. Op cit. p133.

As relações sociais dos sesmeiros do Morro Grande com a terra têm origem no direito costumeiro destas famílias de descendência indígena, negra e portuguesa, cuja propriedade da terra era comum.

A concepção de espaço do grupo familiar sesmeiro vai estar regulado por um direito próprio, diferente do direito positivo. Como afirma Margarida Moura, as leis e costumes se debatem em todos os planos da vida social, mediando principalmente as formas de acesso à terra, a organização do trabalho e os revestimentos simbólicos das relações sociais. “*Não se trata simploriamente de um passado (os costumes) que tenta coexistir com o presente (a lei). Trata-se de fragmentos de leis antigas, dissociadas hoje das ordenações que as amparavam (...). Trata-se de um direito costumeiro gerado em contracorrente ao direito escrito dos códigos dominantes*”.¹³

A relação do grupo sesmeiro com a terra assume, assim, um caráter de marco balizador de limites muito precisos, ditados por um tempo e um espaço sesmeiros como base de sociabilidade, no contexto diferenciado de espaço-temporalidade da sociedade inclusiva, com suas categorias de desenvolvimento nacional e regional.

Desde que coletivamente ocupada, com regras próprias, a terra configura, no plano político, uma territorialidade, base física da existência material, mas também de um direito próprio do grupo sesmeiro. O exercício desta “soberania” é fator fundamental na construção da identidade sesmeira. Mauss afirma que “*uma sociedade, um grupo social define-se por si mesmo: pelo nome, pelas fronteiras, pelos direitos que ela se concede sobre si própria e sobre seu solo, por sua vontade de ser uma, por sua coesão própria, por sua limitação voluntária, o eu e o outro*”.¹⁴ Esta coesão social se traduz principalmente pelo sentimento de pertencer a um tempo e a um espaço próprios.

Esta relação com a terra leva à representação coletiva do grupo que corresponde à distribuição de indivíduos num momento, ou seja, em uma temporalidade própria (“*ser sesmeiro*”) e num lugar determinado (a “*sesmaria do Morro Grande*”). A descendência comum e a permanência secular no mesmo espaço, território comum, dá origem à representação sesmeira. DaMatta escreve que “*a sociedade tem sempre muitas formas*

¹³ Margarida Moura, *Os Deserdados da Terra*, RJ, Corpo e Alma do Brasil, 1988, p20.

¹⁴ Mauss, Marcel, op.cit. p.101.

de representar-se a si mesma e assim confrontar-se, ou de ver-se a si própria nos seus espelhos”¹⁵.

O Programa de Modernização: Desafio da resistência

A primeira técnica de produção da farinha de mandioca, até 1940, foi o uso do ralador manual de mandioca, instrumento feito de folhas de lata de querosene. Depois de ralada a massa de mandioca passava para o pilão de madeira para ser socada e levada para o tipiti, uma espécie de folha de palmeira, para ser secada. Depois de seca, a farinha era peneirada e torrada em um tacho de cobre. Esta técnica artesanal de origem indígena era muito rústica e considerada pouco eficaz, envolvendo muito trabalho.

Em 1950, as técnicas são alteradas por outra também de origem indígena. O ralador manual é substituído pela roda, que possibilitava ralar mais farinha em menos tempo de trabalho. Os instrumentos para torrar a farinha permaneciam os mesmos.

Em 1980, uma equipe de especialistas em projetos de “*modernização para comunidades rurais*”, formada por técnicos do Centro de Apoio e Gerenciamento à Micro e Pequena Empresa do Estado do Mato Grosso (CEAG) e por técnicos da Universidade Federal do Mato Grosso (economistas e assistentes sociais), elabora um programa de modernização tecnológica para os produtores de farinha de mandioca do Morro Grande.

Entre os principais objetivos do programa encontrava-se a idéia de melhorar o sistema de fabricação da farinha de mandioca, como o aumento da produção, e ampliar o aproveitamento da mão-de-obra familiar com a formação de pequenas indústrias domésticas de farinha, de administradores e líderes na comunidade, para garantir o programa e a realização de cursos de plantio de mandioca, com a introdução de novas espécies do tubérculo, destinados ao aumento da produtividade.

Ideologicamente, era uma “*modernização*” voltada para o aumento da produtividade em um sistema mais moderno, na ordem de uma economia familiar voltada para o mercado, sem provocar um impacto muito grande entre os sesmeiros das pequenas indústrias artesanais-rurais, consideradas “*tradicionais*” na região de Santo Antonio de Leverger.

¹⁵ DaMatta, Roberto, op.cit., p.19.

Uma das características fundamentais das famílias que constituem o agrupamento rural do Morro Grande é a especialização nas técnicas que fazem parte do conjunto da produção artesanal, especialmente aquelas voltadas para o processo da produção da farinha de mandioca.

Estas técnicas foram sendo alteradas no decorrer de séculos da vida sesmeira, à medida que as famílias tomavam conhecimento de outras técnicas utilizadas por outros grupos, que facilitavam o trabalho aumentando a produção, mas mantendo o aspecto artesanal de produzir e a “*qualidade da farinha*”. Foi assim que o ralador manual foi substituído pela roda de ralar a mandioca, e o tipiti pela prensa feita com toras de madeira e pedras pesadas.

Chocam-se neste momento três concepções distintas: sesmeiros, técnicos e o capital. A herança cultural dos sesmeiros, a farinha de mandioca, era apoiada em valores incompatíveis com uma concepção capitalista do uso da terra, do trabalho e da técnica. Isto ocorre porque os produtores sesmeiros produzem para as necessidades e para a subsistência familiar. Os limites do trabalho encontram-se nos limites das necessidades básicas, tanto sociais como econômica. Para os sesmeiros, modernizar significa inovar no interior das tradições. Mudam-se as técnicas mas as regras continuam as mesmas.

As famílias vão se reorganizar resistindo, mudando ao mesmo tempo. Mas mudando no interior da tradição, permanecendo a idéia reguladora do “*ser sesmeiro*”. Em oposição à ideologia dos técnicos, o grupo de produtores sesmeiros vai resistir às tentativas de dominação externa, mantendo as suas tradições culturais, ao mesmo tempo que vai absorver aquelas técnicas que permitem o aumento da produtividade sem transformar significativamente seu modo tradicional de existência.

O espaço social, base territorial do grupo sesmeiro, onde detinham decisões econômicas, jurídicas e políticas dentro de uma relativa autonomia, vai sofrer uma relativa desorganização com a chegada dos técnicos. A introdução da luz elétrica, do saneamento, da água encanada e o asfaltamento da estrada que liga Cuiabá a Santo Antonio de Leverger, incentivou a valorização das terras, forçando os sesmeiros em uma ação coletiva a reorganizarem o espaço com o cercamento das terras.

É assim que no espaço social dos conflitos, o “*ser sesmeiro*” ressurge com força no sentido de reorganizar a vida sesmeira. Da mesma forma que o mito entra em cena quando o rito ou uma regra moral ou social

necessitam de justificativa, de garantia de antigüidade, de realidade e de santidade, como coloca Malinowski, o “*ser sesmeiro*” também ressurgue nas mesmas condições numa organização social que recusa discursos complicados, mudanças que interfiram no controle do tempo de trabalho dos produtores, nas relações com a terra.

A Terra e o Meio Ambiente

A relação do grupo sesmeiro com a terra pode ser percebida através das formas de ocupação e da utilização dos recursos naturais para a subsistência das próprias famílias. As práticas tradicionais continuaram apesar da “*terra dividida*”. Nas formas como se organizam para a produção, existe um profundo respeito pela terra e pelo meio ambiente.

A terra, cuja vegetação principal é o cerrado, possui um solo pouco fértil. Mas os sesmeiros vivem nessa região há mais de um século e continuam produzindo sem que haja o esgotamento da terra. A explicação está na forma como se organizam para a produção e como distribuem as culturas no espaço e no tempo. Neste aspecto, podemos identificar diversos fatores que influenciam nesta relação.

O primeiro fator de influência se refere à diversificação das culturas. Vimos que os sesmeiros plantam a mandioca, seu principal produto, intercaladas com outras culturas, como o milho e o feijão, que de certa forma protegem a mandioca das pragas, mantém a pureza do solo, sem a necessidade de usar agrotóxicos ¹⁶, além de usarem a rotação dos terrenos para conservar a fertilidade da terra.

A maioria do grupo sesmeiro acredita que usar agrotóxico é “*matar*” a terra, ao mesmo tempo que acreditam que o veneno destrói o alimento e interfere na qualidade da própria farinha de mandioca.

Outro elemento importante a ser destacado é a distribuição do espaço físico e social na forma de ocupação da terra. O espaço é distribuído para a produção das diversas culturas que são naturalmente apropriadas a esse tipo de solo.

Os sesmeiros não fazem experiências com outros tipos de cultura

¹⁶ Esta técnica tradicional é recomendada pelos técnicos agrícolas que defendem a ecologia e o meio ambiente. Sobre este assunto ver Carlos Fernando Costa, Ecologia, Agricultura e pequena produção: Concepções e Práticas de uma Experiência Gaúcha, Porto Alegre, 1992. (mimeo)

estranhos à região. Plantam e cultivam o que a terra naturalmente lhes oferece e é capaz de produzir. É a incorporação do conhecimento acumulado pelos antepassados que sempre viveram naquela terra, ao mesmo tempo em que incorporam novas técnicas, ainda que tradicionais, no sentido de permitir mais “*tempo livre*” em relação ao trabalho.

Por último, temos a relação do grupo sesmeiro com a existência de ouro em suas terras. O grupo tem consciência da sua existência na localidade. No entanto, não pensa em nenhum momento em procurá-lo. Isto significaria a destruição da terra como elemento de produção imediata das condições de vida.

“*O nosso ouro é a mandioca e a farinha de mandioca*”, afirmam os sesmeiros. Este fato diferencia o grupo sesmeiro da sociedade inclusiva, acentuando-lhe uma identidade própria. O ouro - símbolo de riqueza material, por cuja obtenção os homens lutam e se destroem uns aos outros - não possui valor para o grupo sesmeiro. Isto nos leva a concluir, em um primeiro momento, que o grupo não vê interesse na acumulação de patrimônio. O respeito à terra e a sua relação de comunhão com a natureza, possuem muito mais valor que o próprio ouro, símbolo maior da relação de capital.

DaMatta, ao se referir às relações do homem com a natureza no Brasil, afirma que “*neste sistema, não teríamos propriamente a fórmula moderna de um universo humano que, situado acima da natureza, antropocentricamente a exclui, mas a idéia relacional e inclusiva da natureza na cultura, tanto quanto da cultura na natureza*”.¹⁷

A mandioca, sua transformação em farinha de mandioca e o conjunto das expressões simbólicas que as envolvem, são os elementos que sustentam a unidade do grupo sesmeiro. Estes elementos podem ser expressos na forma como este grupo se organiza para a produção.

A produção da farinha e a feira

Assim como o “ser sesmeiro”, também a farinha fala da memória e vida do grupo. Apresenta uma natureza mítica, pois identificada com um momento da vida do grupo em que se dá a sua real fundação como

¹⁷ DaMatta, Roberto, Em Torno da Representação da Natureza. In: Conta de Mentiroso, op. cit. p. 104.

dádiva divina, que relaciona os homens à natureza, isto é, à terra e aos pássaros.

O mito aparece, como afirma Malinowski, quando a existência do rito ou de uma regra moral ou social necessita de justificativa, de garantia de antigüidade, de realidade e de santidade.¹⁸

Assim sendo, a farinha, enquanto representação simbólica, é categoria sócio-cultural na acepção de garantia da permanência do grupo na “terra de sesmaria” e a sua continuidade enquanto uma totalidade sócio-cultural. É como se fossem dados ao mesmo tempo a segurança e a crença de que o grupo não mudou, que o tempo não passou, visto que na realidade vivida é a farinha o elemento de reprodução sócio-cultural do grupo - seus laços reais e sua justificação simbólica.

A produção da farinha de mandioca pelo grupo familiar sesmeiro está mediada pelas necessidades de subsistência, que têm o seu limite nas necessidades que a cultura determina para os indivíduos. Chayanov¹⁹ vai dizer que o trabalho familiar sesmeiro está mediada pelas necessidades de subsistência, que o do camponês persegue a satisfação de necessidades da subsistência familiar e que o limite da reprodução camponesa é o fundo de subsistência culturalmente definido.

Durante um século as famílias sesmeiras do Morro Grande plantaram a semente do seu reconhecimento público conquistando um espaço econômico, na região de Cuiabá, para a comercialização da farinha de mandioca.

A Feira da Farinha de Mandioca de Morro Grande é o espaço onde a maior parte do grupo produtor de farinha vende a sua produção. Criada no início deste século, na cidade de Cuiabá, é nesse espaço que, através dos tempos, formou-se uma clientela tradicional consumidora da farinha:

A feira representa, então, para o grupo produtor de farinha de Morro Grande, antes de tudo a presença dos antepassados, símbolo da continuidade, que consegue manter a unidade em torno da produção da farinha através do respeito às regras de ajuda mútua. Como vimos, há regras econômicas que orientam a produção artesanal e garantem a continuidade dos produtores de farinha. Ao mesmo tempo que agora a feira é também a expressão mercantil mais exterior da atividade do grupo,

¹⁸ Malinowski, op. cit, p.65.

¹⁹ Chayanov, op. cit. p11.

a atividade que agora transfigurou-se de holística em especializada.

A farinha de mandioca não é uma mercadoria qualquer que vai para a feira para ser comercializada. Ela contém um elemento que a acompanha desde o início de sua produção, no século passado, e que a diferencia das demais farinhas oferecidas no mercado: uma complexa simbologia representada pela “*qualidade*” da farinha como expressão do passado. É ela que permite que a farinha sesmeira seja mais cara em até 200% que a industrializada e mais cara que outras farinhas, também produzidas de forma artesanal e que detêm a mesma “*qualidade*”. Em termos de mercado, é uma mercadoria como outra qualquer. O valor-de-uso entra na determinação do seu valor, ou seja, 200% mais cara que outras farinhas em razão da “*qualidade*”.

A farinha é comercializada pelo seu valor-trabalho, ou seja, o trabalho artesanal dos produtores. São os próprios produtores que avaliam o preço da farinha de acordo com as suas necessidades de subsistência familiar. Avaliando o preço da farinha, eles estão avaliando a sua força de trabalho. Mas os limites do preço da farinha esbarram nos limites da avaliação da clientela, que vai protestar quando o preço fica muito elevado.

Concluindo, o grupo familiar sesmeiro teve a vantagem de produzir um produto artesanal que dá resultados econômicos e que mantém suas necessidades básicas tanto para a subsistência como para os compromissos sociais e religiosos.

O grupo possui um mercado fixo, tradicional, embora limitado. As regras que norteiam as relações do grupo de produtores com o mercado - tais como não fazer empréstimos nas instituições financeiras²⁰ para o custeio da produção e não utilizar a figura do intermediário - e o fato de estarem próximos ao mercado, garantem a venda da produção e as necessidades básicas fundamentais para a sobrevivência do grupo.

“*Ser sesmeiro*” na região de Santo Antonio do Rio Cuiabá Abaixo representa uma relação específica do grupo com a terra, uma tradição que lhes dá identidade, que garante sua continuidade enquanto produtores de

²⁰ O fato do grupo familiar sesmeiro não correr riscos com financiamentos à produção e a tecnologias confirma, neste caso específico, uma idéia colocada por Chayanov que vai dizer que “Os camponeses não correm determinados riscos empresariais porque o principal é obter certo balanço entre um mundo culturalmente definido e uma quantidade fixa de desgaste de energias”. Chayanov, *La Organización de la unidad economica campesina*, Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1974.

farinha de mandioca e também pescadores, no caso das comunidades ribeirinhas.

Temos, assim, um fenômeno real, econômico e social, que existe em um marco específico de relações sociais, que surge sobre a base da produção agrícola, da transformação da matéria-prima, da cultura dos antepassados, das regras que norteiam as relações sociais entre as famílias e é controlado por essas relações.

É no plano das atividades econômicas da comunidade, que se dá uma relativa “coesão” do grupo familiar sesmeiro, numa forma de corporativismo. A farinha de mandioca constitui a representação simbólica da sua unidade real. No entanto, como o grupo garante a manutenção das regras na sua organização econômica enquanto “*sesmeiros do Morro Grande*”? Esta garantia das regras da tradição vai se dar pela natureza mágica do controle social pelas famílias e que se encontra no plano da religiosidade. O estatuto econômico, o estatuto doméstico e o estatuto religioso estão intimamente ligados. Não no sentido “*coesão*” que lhe dá Mauss com relação ao “*fato social total*”, e que identificamos nas relações sociais do grupo antes de 1980, quando a terra era ainda comum e a tradição integrava a vida inteira do grupo sesmeiro. Se a farinha de mandioca é unificadora do grupo, permitindo uma “coesão” nas relações internas, também as contradições e os conflitos existem no interior da comunidade. No entanto há, por parte das famílias, formas de controle social dessa coesão para a permanência do “*ser sesmeiro*”. O grupo familiar sesmeiro tem suas próprias leis para o estabelecimento deste controle, resistindo, portanto, a se submeter às leis de “*controle dos homens*” da sociedade inclusiva e da qual faz parte. Como se dá esse controle social interno é o que analisaremos a seguir.

A roda do tempo: projetando o futuro

Falamos sobre a economia da pequena produção rural como uma relação não capitalista de produção, apenas nos diz o que esses personagens não são, mas não diz o que eles são de fato. Existem diferenças na forma como se organizam para a produção e nas formas de sua subordinação ao capital.

Os produtores artesanais de farinha de mandioca do Morro Grande criam e recriam, em um espaço social em movimento, as suas condições

de existência, sem, no entanto, ficar subordinado às leis do capital. As estratégias de resistência podem ser observadas a partir da totalidade de sua cultura, que se expressa objetivamente no fato de não utilizarem o intermediário, não se submeterem aos financiamentos agrícolas e possuírem o seu próprio mercado com suas próprias leis. A permanência das tradições, das necessidades grupais como base do trabalho e a não aceitação da ideologia produtivista, têm garantido a continuidade e a permanência do “*ser sesmeiro*”. Ao mesmo tempo mostramos como no interior da tradição surge a modernização, delimitada pelos próprios sujeitos a partir de interesses seus, muito bem definidos.

Em uma cultura que tenha se mantido homogênea por algum tempo, há uma quantidade de regras subentendidas, não escritas, pelas quais as pessoas se guiam.

A tradição é, assim, uma herança local que possui uma mensagem. Às vezes ela expressa uma percepção de como o grupo, na sua cultura, sente e pensa. As vezes é uma ótima história, e é deles. O importante é que ela dá ao grupo um sentido de identidade, experiências e resistência. O “*herói*”, aqui, não é um ser individual, mas uma genealogia. Por isso é tradição, e não mito de origem.

“*Ser sesmeiro*” continua sendo um sentimento de tradição que implica hoje contradições e conflitos internos do grupo, embora continue a exercer controle sobre os conflitos a partir das práticas mágicas. Se existe a coerção social é porque existem as diferenças. Nestas práticas de coerção social e de regulamentação da organização do trabalho da família, encontram-se os elementos que apontam para novas mudanças, uma virada da roda da vida, em um novo tempo, que pode ser ruim ou bom.

No processo de produção, a modernização relativa, com a inovação das técnicas e instrumentos de trabalho, provocou a transformação da mandioca - matéria-prima básica - em uma nova mercadoria. A produção da mandioca vai se separando e se afirmando como um ramo autônomo desvinculado da farinha, ou seja, passa a ser objeto da produção especializada de um novo membro da divisão social do trabalho: o produtor de mandioca. Embora a maioria dos produtores de farinha ainda plantem a mandioca, a quantidade plantada não dá mais conta totalmente da produção da farinha, o que demonstra uma tendência para a separação da lavoura da matéria-prima da produção da farinha.

A “*indústria artesanal de farinha de mandioca*” não pode ser

entendida como fábrica capitalista, visto que falta o elemento assalariado. A produção do valor-de-uso tornou-se complexa com a incorporação de novas tecnologias, que implicou inclusive no aumento de escala e na desvinculação direta entre agricultura e indústria na mesma unidade familiar. Entretanto, para a transformação em um processo produtivo moderno, fabril, falta o conteúdo peculiar, o trabalho assalariado. Cabe ressaltar que o principal elemento da produção da farinha, a mandioca, foi, no caso estudado, transformado em mercadoria.

Parte dos produtores não dá mais conta de produzir sozinha a quantidade de farinha necessária à realização das necessidades, precisando, portanto, da ajuda dos vizinhos. Esta ajuda se dá em troca do uso do caititu ou da farinha como pagamento, ou da contratação de parentes para ajudar na produção da farinha ou na limpeza da roça, com pagamento por hora de trabalho. Embora neste aspecto não se compre a força de trabalho para aumentar capital e sim para satisfazer necessidades pessoais das famílias, pode-se dizer que existe a tendência para a transformação da atividade de trabalho - terceiro elemento do processo de trabalho - em simples força de trabalho, portanto mercadoria.

Com a crescente dissociação da mandioca - antes produzida pelos sesmeiros - da farinha de mandioca, a terra passa a mediar a produção da farinha. O “*ser sesmeiro*” que se constituía em uma totalidade sócio-cultural, enfraquece com o desaparecimento da terra comum, perdendo, dessa forma, correspondência com a base material. No entanto, sobram certos elementos da representação simbólica tradicional que passam a regular certas áreas do comportamento do grupo no que se refere à produção da farinha e à interação dos produtores com o comércio.

A farinha assume, assim, a forma de elemento unificador e de representação simbólica do grupo, que permite a relativa coesão interna. É assim que os velhos ritos gerais - a festa-de-santo dissociada do trabalho, as formas mágicas de controle social dos conflitos - acentuam-se, preenchendo o claro produzido pela nova condição provocada pelo desaparecimento da terra comum e do grupo como controlador das regras antigas. Em lugar de ritos específicos, ritos gerais.

Quebra-se em parte a cadeia de solidariedade enquanto produtores familiares tradicionais de farinha. Surge, em seu lugar, uma cadeia de dependência interna das famílias através da especialização, isto é, umas famílias produzem a matéria prima, outras produzem somente a farinha,

outras fabricam parte da farinha e parte compram dos vizinhos para completar a produção necessária para a semana. Trata-se, portanto, de um alargamento e aprofundamento da divisão social do trabalho, através da dissociação e da especialização produtiva, correspondentes às fases de elaboração do produto farinha (valor-de-uso) desde o cultivo da mandioca.

A especialização produtiva da farinha soube associar-se ao controle do saber técnico de produção. Há um fechamento dos produtores sesmeiros no sentido de impedir a difusão desse saber. Eles detêm o segredo das técnicas que, segundo eles, garantem “a *qualidade*” da farinha, como por exemplo, o tempo e a temperatura ideais para a torrefação do produto.

Embora o grupo de produtores do Morro Grande se feche no quadro que construiu e inova no interior da tradição sesmeira, - através da interpretação dos signos culturais, resistindo à ideologia da produtividade do capital - há uma tendência a novas transformações. Quando eles descobrirem novas técnicas que facilitem o trabalho e aumentem a produtividade, sem perderem o controle do tempo de trabalho, acredito que eles vão incorporá-las. A maioria dos produtores de farinha dificilmente irá subordinar-se ao capital, vendendo a sua força de trabalho. Ao contrário, podem transformar-se, passando a comprar-vender força de trabalho dentro das unidades familiares para aumentar a produção.

A vida coletiva se apresenta, aqui, como um processo em constante transformação que envolve igualmente a integração e a desintegração, a unidade e o conflito.

A presente reflexão pode ajudar-nos a experimentar a simultaneidade de todos os opostos - o mundo rural tradicional e a modernidade da sociedade inclusiva, forças aparentemente irreconciliáveis, mas que apontam o rumo das mudanças em uma sociedade no âmbito da modernidade. Neste sentido, grupos políticos, os governos estadual e municipal, têm vários projetos de mudança “*modernizadora*” para a região de Santo Antonio de Leverger, que possivelmente em um futuro próximo serão postos em prática e forçarão novas mudanças.

Conclusão

Mostramos neste trabalho como um grupo de produtores rurais se mantém na terra a mais de dois séculos, resistindo à dominação do capital

em um espaço social e em uma temporalidade específica. Resistindo e mudando, até certo ponto, o grupo fortalece a sua permanência na terra, embora de forma contraditória.

Se os sesmeiros não resolverem as suas contradições internas no que diz respeito à venda da terra, a tendência será a sua descaracterização enquanto sesmeiros e a transformação da área em zona urbana, com a criação da vila e a permanência no local apenas das famílias produtoras de farinha de mandioca.

O grupo goza a vantagem de produzir uma mercadoria que dá bons resultados econômicos e que, de certa forma, garante as necessidades familiares. O resgate das representações sociais que asseguram a sociabilidade, passa pelas questões das contradições e chega-se ao grande desafio: ou esse agrupamento de alguma forma integra-se nas relações com os governos estadual e municipal e instituições inclusivas, sem destruir a sua identidade, ou fica difícil diagnosticar um futuro para eles como “*sesmeiros*” na sociedade regional.

Os comportamentos das famílias sesmeiras descritos e analisados neste trabalho fortalecem a unidade e a identidade desse agrupamento produtivo, ao mesmo tempo que os distancia da sociedade envolvente marcada pelo consumismo. Isso se expressa nos ritos, nas festas de santo, nas formas de controle social no interior da comunidade.

Com o tempo as terras serão regularizadas. Os projetos existem e estão na mesa do governo. Se aprovados, eles serão forçados a aceitar a mudança. Ou se integram relativamente à sociedade inclusiva, modernizando-se mesmo mantendo algumas das tradições, mas pagando impostos, trazendo retorno econômico para a região e para a sociedade, como detentores de fábricas familiares de farinha de mandioca, ou acabarão excluídos da localidade do Morro Grande. Como afirma Ruben George Oliven, “*o culto à tradição, longe de ser anacrônico, está articulado com a modernidade e o progresso*”²¹ e manifesta-se em épocas de mudança social, de crises. É importante um grupo manter a sua identidade, encontrar formas de se organizar e garantir a sua sobrevivência em uma sociedade marcada pelas contradições e pelos conflitos.

²¹ Oliven, Ruben George, Três em Um, a Semana Modernista, o Nordeste de Gilberto Freyre e o Rio Grande do Sul, in São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação SEADE, São Paulo, Abril/junho, 1993.

Nesse sentido, pretendemos ter contribuído para o entendimento de como um grupo específico de produtores rurais encontra formas de resistência no espaço agrário, frente a outros segmentos de uma camada social, cuja maioria é regularmente marcada por formas perversas de subordinação ao capital e pela expropriação violenta, nas lutas pela terra em um país onde caberia uma melhor distribuição de terras.

“*Ser sesmeiro*” é, pois, um ideal que marca as lutas sociais; é um modo de vida em transição.

Referências Bibliográficas:

- AGUIAR, Pinto de. **Mandioca - Pão do Brasil**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.
- ALEIXO, Lucia Helena Gaeto. **Vozes no Silêncio: Subordinação, Resistência e Trabalho no Mato Grosso - 1888-1930**. Tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, 1991.
- ANDRADE, Maristela de Paula. **Terra de Índio - Terras de Uso Comum e Resistência Camponesa**. Tese de doutorado. Depto. de Antropologia, FFLCH. USP, S.Paulo, 1990.
- BRUNI, José Carlos. Tempo e Trabalho Intelectual - Projeto de Pesquisa, in: **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol. 3 - N.1-2. 1991.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**, Associação Palas Athena, São Paulo, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Livraria Duas Cidades. S. Paulo. 1987.
- CHAYANOV, Alexander V. **La Organización de la Unidad Económica Campesina**. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1974.
- DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso (sete ensaios de antropologia brasileira)**. Rocco, RJ, 1993.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. Forense Universitária. RJ, 1987.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. **Os Homens Livres na Ordem Escravocrata**. Ensaios 3, ed. Atica, SP, 1974.
- _____. O Estudo Sociológico de Comunidades, in: **Revista de Antropologia**, vol.11, SP, 1963.
- GARCIA, A. **Terra de Trabalho Familiar e Pequenos Produtores**. Paz e Terra, RJ, 1983.
- GNACCARINI, José César. **Latifúndio e Proletariado (Formação da Empresa e Relações de Trabalho no Brasil Rural)**, Polis, SP, 1980.

- GEERTZ, Clifford. **Interpretações das Culturas**. Guanabara, RJ, 1989.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. **Campinho da Independência: Um Caso de Proletarização Caiçara**. Tese de mestrado defendida na PUCSP, SP, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Vértice, SP, 1990.
- HEBETTE, Jean & outros. **A Amazônia no Processo de Integração Nacional**. UFPa/ NAEA, 1974.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Nova Fronteira, RJ, 10 edição, 1985.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. Perspectiva, SP, 1981.
- MALINOWSKI, Bronislaw. O Papel do Mito na Vida. In: **Malinowski: Antropologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, Vol. 55. Organizadora: Eunice Ribeiro Durhan. Coordenador: Florestan Fernandes. Ática, SP, 1986.
- . **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, Série Os Pensadores, vol. XLIII. Abril Cultural, SP, 1976.
- MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. Vozes, Petrópolis, 1981.
- . **Capitalismo e Tradicionalismo - Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. Pioneira Editora, SP, 1975.
- . **Caminhada no Chão da Noite**. Hucitec, SP, 1989.
- MOURA, Margarida Maria. **Os Deserdados da Terra**. Bertrand Brasil, RJ, 1988.
- . **Os Herdeiros da Terra**. Hucitec, SP, 1978.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Amazônia, Monopólio, Expropriação e Conflitos**. Papyrus, SP, 1990.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro**. Vozes, Petrópolis, 1973.
- . **Bairros rurais paulistas, dinâmica das relações bairro-cidade**. Duas Cidades. SP, 1973.
- QUEIROZ, Renato da Silva. **Um mito bem brasileiro**. Polis, São Paulo, 1987.
- . **Caipiras Negros no Vale do Ribeira: Um Estudo de Antropologia Econômica**, FFLCH/USP, (Antropologia, 1), 1983.
- . O herói Trapaceiro. Reflexões sobre a figura do trickster, in: **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol.3, n.1-2, 1991.
- RIBEIRO, Iselda Corrêa. **Pioneiros Gaúchos: a colonização do norte matogrossense**. Tchê, Porto Alegre, 1987.
- . **Sesmeiros**. EdUFMAT, Cuiabá, MT. 1999.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos, Exclusão e Luta. Do Sul para a Amazônia**. Vozes, Petrópolis, 1993.

SIQUEIRA, Elizabeth. **O Processo Histórico do Mato Grosso**. Guaicurus. MT, 1990.

SILVA, José Graziano da. **Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura**, Hucitec, SP, 1981.

———. **A Modernização Dolorosa - Estrutura Agrária, Fronteira Agrícola e Trabalhadores Rurais no Brasil**, Zahar, Rio de Janeiro, 1982.

SERRA, Paulo Marcos. **O Cultivo de Roça entre os Bororos do Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia, USP, São Paulo, 1988